

TODOS OS NOMES: O ESPAÇO DA MORTE E DA VIDA NA OBRA DE JOSÉ SARAMAGO

Mestrando Murilo de Assis Macedo Gomes (USP) ¹

Introdução

Refletir sobre a condição do homem na atualidade é preocupação primordial das obras de José Saramago. O escritor propõe em seus romances uma análise do homem como sujeito agente e paciente, na medida em que sofre as ações exteriores e as reações provenientes de suas ações por parte do mundo exterior no processo histórico tanto individual quanto coletivo. Podemos constatar em sua obra a crítica a um modo de vida da sociedade moderna que se caracteriza cada vez mais pelo individualismo, pela intolerância, pela desumanização entre outras coisas. Sua obra promove, ainda, a denúncia de um mundo em desequilíbrio que supervaloriza os aspectos racionais do homem em detrimento do seu lado afetivo-emocional.

Buscaremos entender a partir da análise literária textual de que maneira o personagem se relaciona com seu espaço e a importância do espaço na constituição desse sujeito em processo na contemporaneidade. Para tanto, enfocaremos a busca pelas imagens da morte e da vida nos espaços na obra **Todos os Nomes** (1997) de José Saramago.

Para nós, a análise das questões espaciais na obra saramaguiana é de suma importância para o entendimento crítico das condições do sujeito na pós-modernidade. Nosso interesse é demonstrar de que forma as imagens da morte e da vida compõem estes espaços. Entendemos por morte, toda e qualquer ausência do ser e a vida como a tentativa de preenchimento deste vazio que se evidencia pela falta de contato com o outro. A morte aqui se caracteriza pela negatividade do espaço que, em alguns momentos, ainda, segrega os indivíduos ao invés de uni-los. O espaço da morte pode ser entendido como uma lacuna entre um espaço e outro, o próprio espaço entre um corpo e outro, caracterizado pela distância que separa os indivíduos e pela impossibilidade de plena união.

Esse espaço negativo é “desprovido de toda positividade, espaço sem força, sem poder de plenificação, de coordenação ou de unificação”. (POULET, 1992:44), ou seja, “a distância nunca é um espaço que se estende, que acolhe, que reúne, ou preenche um vazio. Ela é esse vazio nada mais que isso.” (POULET, 1992:44). Poulet ao fazer referência a esta distância do espaço menciona a impossibilidade de reduzi-la ou suprimi-la, sendo assim “nunca é permitido aproximar-se, tocar-se, estabelecer a mínima intimidade com os outros: tudo o que vive, vive à parte.” (POULET, 1992:44). Para Poulet a supressão desta distância entre os seres dentro do universo proustiano é irrealizável, o que para nós ocorre de outra maneira na obra de José Saramago, como poderemos constatar em nossa análise.

O percurso da personagem protagonista (o Sr. José) em **Todos os Nomes** proposto por José Saramago demonstra uma tentativa de supressão deste distanciamento entre os indivíduos proporcionado pela morte nas relações humanas e que só a vida é capaz de reconstituí-las.

1- O espaço entre a vida e a morte

Todos os Nomes conta a história de um auxiliar de escrita da Conservatória Geral do Registo Civil, o Sr. José que, preso a um trabalho burocrático, tem como principal lazer uma coleção de biografias ilustres. Ele é uma personagem que se caracteriza pela exemplaridade e

pela disciplina no trabalho, mas que não consegue ver sentido na vida, uma vez que a rotina do serviço só lhe traz o distanciamento da pulsação vital, só lhe lega a morte. É para trazer mais informações a sua coleção de nomes famosos que ele busca nos documentos da Conservatória os registros dessas pessoas. Entre nomes tão conhecidos surge um que aguça a sua curiosidade, um nome desconhecido de mulher. A partir deste momento o Sr. José sai da estagnação e da morte rumo à vida.

A temática da morte e da vida é uma constante na composição da obra. Logo na primeira página do romance a contraposição destes dois elementos é anunciada.

Por cima da moldura da porta há uma chapa metálica comprida e estreita, revestida de esmalte. Sobre um fundo branco, as letras negras dizem Conservatória Geral do Registo Civil. O esmalte está rachado e esboicelado em alguns pontos. A porta é antiga, a última camada de pintura castanha está a descascar-se, os veios da madeira, à vista, lembram uma pele estriada. Há cinco janelas na fachada. Mal se cruza o limiar, sente-se o cheiro do papel velho. É certo que não passa um dia sem que entrem papéis novos na Conservatória, dos indivíduos de sexo masculino e de sexo feminino que lá fora vão nascendo, mas o cheiro nunca chega a mudar, em primeiro lugar porque o destino de todo o papel novo, logo à saída da fábrica, é começar a envelhecer, em segundo lugar porque, mais habitualmente no papel velho, mas muitas vezes no papel novo, não passa um dia sem que se escrevam causas de falecimentos e respectivos locais e datas, cada um contribuindo com os seus cheiros próprios, nem sempre ofensivos das mucosas olfactivas, como o demonstram certos eflúvios aromáticos que de vez em quando, subtilmente, perpassam na atmosfera da Conservatória Geral e que os narizes mais finos identificam como um perfume composto de metade rosa e metade crisântemo. (SARAMAGO, 1997: 11)

A descrição feita pelo narrador com relação à chapa metálica que está sobre a moldura da porta detém nossa atenção a princípio para a oposição entre o claro e o escuro enquanto que outros elementos tais como os papéis novos e velhos estabelecem uma comparação direta com a condição efêmera da vida humana diante da morte já que, como diz o narrador, o destino de todo papel novo assim que sai da fábrica é envelhecer, não se diferencia, portanto, da existência do ser humano, que em seu próprio desenvolvimento no interior do útero necessita da morte de milhares de células para a formação de seu organismo, enfim de sua vida.

O percurso traçado pela narrativa, a priori, leva-nos a crer que o romance escrito por José Saramago se valerá da temática vida/morte em seu aspecto físico, o que de fato ocorre nestas primeiras linhas, uma vez que a obra inicia-se pela descrição dos aspectos físicos da Conservatória Geral do Registo Civil. Todavia, como veremos no decorrer de nossa análise isso ocorre também no plano metafórico, no qual a temática vida/morte aparece intrinsecamente ligada à condição do homem em suas relações com o outro em que a morte denota o afastamento e a vida a aproximação em relação ao outro.

O narrador perspicaz convida o leitor a entrar na história logo pela porta da frente, detalhando a princípio os pormenores deste espaço de passagem. Em uma enunciação gradativa como uma câmera que se detivesse a detalhar em um *close-up* a moldura, a chapa metálica, as letras, o nome, o esmalte rachado, a porta personificadamente estriada e enfim as cinco janelas da fachada, percebemos uma movimentação na composição desta imagem que parte de um plano fechado para um plano geral, dos menores detalhes da porta para a fachada completa da Conservatória Geral.

O espaço exterior visualizado é marcado pela contraposição de elementos vários tais como letras negras em um fundo branco, mas, sobretudo é caracterizado pela degradação, pois “o esmalte está rachado” e a pintura da porta está se descascando. A Conservatória Geral é

humanizada, pois os veios da madeira da sua porta lembram uma pele estriada. Em meio à degradação e a morte há a vida que persiste no antigo prédio. O leitor que consegue então visualizar todo espaço exterior da Conservatória é alçado pelo narrador a transpor o limiar da porta e penetrar em seu espaço interior. Após toda uma movimentação do fechado para o aberto, ou seja, da imagem pormenorizada da porta em seus detalhes para a imagem que abrange toda a fachada do prédio, há um corte brusco do espaço exterior para o interior. Essa mudança de ambientação na narrativa é significativa, uma vez que o narrador nos conduz do campo visual exterior para o campo olfativo do interior da Conservatória, pois o narrador deixa de lado recursos visuais que compõem a imagem exterior da Conservatória e entra no campo olfativo para a composição de seu espaço interior e daí não sai mais até que o parágrafo esteja encerrado.

A vida e a morte propostas por José Saramago em sua obra não devem ser pensadas de forma segmentada, e sim como um processo de simbiose, ou seja, uma relação de interdependência.

É necessário ressaltarmos que a comparação proposta pelo narrador entre os papéis e os homens não serve tão somente para igualá-los, mas antes para demonstrar que ambos vivem em espaços distintos. Os homens e as mulheres “lá fora vão nascendo”, eles não pertencem ao espaço da Conservatória, nascem, vivem e morrem no mundo exterior, dentro da Conservatória, o que de fato predomina são os papéis que levam os seus nomes e os registros de nascimento e de morte. É claro que na Conservatória existem pessoas como o Sr. José, seus colegas e o chefe. Todavia as relações que se estabelecem ali dentro são estritamente profissionais, não havendo, portanto espaço para relações de intimidade, trocas e diálogos.

É a busca por mais informações a respeito de um nome que tem em suas mãos que levará o Sr. José para outros espaços fora do limite da Conservatória e da sua casa. O percurso feito pela personagem ao longo do enredo faz com que ele adentre outros espaços de intimidade e que nestes espaços estabeleça relações que partam do distanciamento para aproximação. Criam-se, nesse contato com o mundo exterior, vínculos afetivos que mudam sua forma de ver o mundo.

Em determinado momento da narrativa, exausto da restrição das poucas informações que tem no papel a respeito da mulher que procura, o Sr. José resolve ir ao endereço no qual ela nasceu.

É certo que não se atreveu a tocar a campainha, neste ponto tinha dito a verdade, mas permaneceu alguns minutos no escuro do patamar, imóvel, tenso, tentando perceber os sons que vinham de dentro, tão curioso que quase esquecia o medo de ser surpreendido e tomado por ladrões de casa. Ouviu o choro rabugento de uma criança de berço, Deve ser o filho, um sussurro doce de embalo feminino, Será ela, (SARAMAGO, 1997:45).

Neste momento percebemos que o personagem não tem coragem suficiente para se quer tocar a campainha, e a partir daí, estabelecer um contato. Ele simplesmente pára na porta do apartamento e fica escutando o que se passa em seu interior. E então começa a fazer uma série de suposições dos fatos que ocorrem lá dentro. Pensa que a criança que chora deve ser o filho da mulher desconhecida. Em seguida ouve a voz de um homem e seu medo aumenta na medida em que acha que aquele pode ser o marido dela. Resolve ir embora, sem estabelecer nenhum contato. Nessa primeira tentativa o Sr. José encontra-se numa posição de distanciamento em relação ao outro na qual vivência ainda o espaço da morte, a comunicação não se efetiva, portanto não há troca alguma. No entanto se a supressão da morte pela vida não se dá no espaço físico e exterior do corredor escuro do prédio onde nasceu à mulher desconhecida, ela se efetiva no espaço psicológico e interior da personagem. Percebe-se essa mudança no momento em que o Sr. José põe os pés na rua e entra em devaneio.

Quando o Sr. José finalmente chegou à rua as pernas tremiam-lhe, o suor inundava-lhe a testa, Estou feito uma pilha de nervos, repreendeu-se. Depois,

disparatadamente, como se o cérebro se lhe tivesse de súbito desgovernado e movido em todas as direcções, como se o tempo houvesse encolhido todo, de trás para a diante e de diante para trás, comprimido em um instante compacto, pensou que a criança a quem tinha ouvido chorar por trás da porta era, trinta e seis anos antes, a mulher desconhecida, que ele próprio era um rapaz, de catorze anos sem qualquer motivo para andar à procura de alguém, muito menos a estas horas da noite. Parado no passeio, olhou a rua como se não a tivesse visto ainda, há trinta e seis anos os candeeiros de iluminação pública davam uma luz mais pálida, a calçada não era asfaltada, mas de pedras alinhadas, a tabuleta da loja da esquina anunciava sapatos e não comida rápida. O tempo moveu-se, recomeçou a dilatar-se aos poucos, depois mais depressa, parecia que dava sacões violentos, como se estivesse dentro de um ovo e forcejasse por sair, as ruas sucediam-se, sobrepunham-se, os prédios apareciam e desapareciam, mudavam de cor, de feitio, todas as coisas buscavam ansiosas os seus lugares antes que a luz do amanhecer viesse mudar novamente os sítios. O tempo pusera-se a contar os dias desde o princípio, agora usando a tábua de multiplicação para recuperar o atraso, e com tanto acerto o fez que o Sr. José já tinha outra vez cinquenta anos quando chegou a casa. Quanto à criança lacrimosa, essa só estava uma hora mais velha, o que demonstra que o tempo, ainda que os relógios queiram convencer-nos do contrário, não é o mesmo para toda a gente. (SARAMAGO, 1997: 46).

O Sr. José tem esse devaneio no caminho, quando está voltando do prédio da mulher desconhecida para sua casa. A duração cronológica deste devaneio se dá no espaço de tempo de uma hora. Todavia, a dimensão psicológica se mostra em dois movimentos: o primeiro de retração e o segundo de expansão. A retração ocorre no plano psicológico em que a personagem imerge no passado deslumbrado pela possibilidade daquela criança ser a mulher desconhecida trinta e seis anos antes, e ele um rapaz de catorze anos de idade. O passado e o presente juntos formam um só instante. A impossibilidade de que isso seja real se apresenta ao Sr. José no momento em que, parado na calçada, observa a rua e vê as mudanças ocorridas no espaço físico da cidade. A expansão do tempo se dá nas sucessivas mudanças ocorridas no espaço físico e aquele momento comprimido no espaço psicológico se desfaz ao se deparar com a realidade do mundo exterior. Este curto devaneio não faz com que a personagem estabeleça alguma ligação de proximidade com o outro, reduzindo com isso o espaço da morte entre os indivíduos. No entanto, promove a aproximação do indivíduo consigo próprio em sua interioridade, uma vez que para si o percurso feito do prédio a casa não teve somente a duração de uma hora de relógio, e sim de trinta e seis anos, que o Sr. José preenche de vida através da memória o espaço da morte entre o presente e o passado.

No dia seguinte a este episódio o Sr. José pede autorização para sair uma hora mais cedo do serviço, alegando que precisa resolver alguns problemas pessoais. Com uma credencial falsa usando o nome do chefe, o auxiliar de escrita volta ao prédio que fora no dia anterior. Estabelece um rápido diálogo com a mulher que mora no apartamento. Ela diz desconhecer a pessoa que ele procura, dizendo que mora ali há dois anos com seu marido e a filha de apenas três meses. Vendo o Sr. José que não se tratava da mulher que procurava, pergunta a ela se existe no prédio algum morador mais antigo. A moça lhe explica que a pessoa de mais idade é uma senhora que vive no térreo.

O momento em que o Sr. José entra em contato com velha é de suma importância dentro da narrativa, pois a diminuição do espaço da morte ocorre entre estes dois personagens. A aproximação entre eles se dá pela troca de experiências vivenciadas de maneira distinta, mas que trazem consigo um ponto em comum: a mulher desconhecida.

A velha do rés-do-chão direito atende o auxiliar de escrita de maneira ríspida e intolerante, não demonstrando o menor interesse no que ele tem a dizer “Quem é, Que deseja,

Quem o mandou cá, Que tenho eu a ver com isso,” (SARAMAGO, 1997: 59). O distanciamento entre as personagens se mantém durante um bom tempo mesmo quando o Sr. José mostra-lhe a credencial e lhe diz por qual razão está ali, “Tenho uma credencial passada pelo meu conservador, Estou na minha casa, não quero ser incomodada” (SARAMAGO, 1997: 59), o diálogo permanece neste patamar até o momento em que o auxiliar de escrita fala da obrigatoriedade em se prestar informações acerca da mulher desconhecida à Conservatória, mediante a ameaça dele se apresentar da próxima vez acompanhado da polícia.

Ao conseguir entrar na casa da senhora do rés-do-chão direito, o auxiliar de escrita adentra, segundo Bachelard (1993), o espaço de intimidade do ser. É dentro deste espaço que ela lhe revelará seus segredos mais íntimos antes mesmo de lhe dar alguma pista sobre o paradeiro da mulher desconhecida. A aproximação entre as duas personagens vai se acentuando na medida em que o diálogo se desenvolve. A velha lhe contará que não só conhecera a mulher como também fora sua madrinha, mas que tinha trinta anos que não a via. Além disso, confessa-lhe o adultério que cometera com o pai da moça, o que não havia contado para ninguém em todo esse tempo.

O espaço da morte que se caracteriza pelo distanciamento e pela impessoalidade vai dando lugar à aproximação e à intimidade de um espaço de vida. A conversa, que a princípio se estabeleceu num tom de intolerância, passa para um tom intimista que desembocará, no final, em total cumplicidade. O Sr. José que inicialmente queria somente ter alguma pista que o levasse a mulher desconhecida acaba por compartilhar uma história de vida de uma pessoa que lhe foi tão próxima. É somente no final da conversa que alguma pista lhe é revelada. O endereço da escola onde a mulher estudara quando criança e adolescente. Nesse momento o Sr. José pergunta à velha porque demorou tanto para lhe dar essa informação.

Não posso compreender por que tardou tanto tempo a dar-me a direcção da escola, sabendo que qualquer informação, por insignificante que parecesse, seria de vital importância para mim, Não seja exagerado, Apesar de tudo, estou-lhe muito grato, e digo-o quer em meu nome pessoal quer em nome da Conservatória Geral do Registo Civil que represento, mas insisto em que me explique por que demorou tanto a dar-me esta direcção, A razão é muito simples, não tenho ninguém com quem falar. O Sr. José olhou a mulher, ela estava a olhá-lo a ele, não vale a pena gastar palavras a explicar a expressão que tinham nos olhos um e outro, só importa o que ele foi capaz de dizer ao, cabo de um silêncio, Eu também não.

O espaço da morte que distancia as personagens se comprime ao máximo dando lugar ao espaço da vida que promove a união e a cumplicidade dos indivíduos. A busca do Sr. José vai além da mulher desconhecida, como este diálogo com a velha explicita. Essa busca é voltada para a comunhão entre os homens, opondo-se a uma sociedade que se caracteriza cada vez mais pelo individualismo e pela intolerância. A personagem criada por Saramago em **Todos os Nomes** vê a necessidade de sair da impessoalidade e da limitação proporcionadas pelos papéis para partir rumo à troca e ao diálogo que somente o ser humano pode lhe restituir.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

POULET, Georges. *O espaço proustiano*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

SARAMAGO, José. (1997) *Todos os nomes*. São Paulo: Planeta De Agostini, 2003.

¹ Murilo de Assis Macedo GOMES

(Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas)

E-mail: muriloamgomes@ig.com.br